

O PARAÍSO, COMO LUGAR INESGOTÁVEL DE METAMORFOSES PARADISE AS A PLACE OF UNENDING METAMORPHOSES

OUVEM-SE SONS, ESTRANHOS, EXÓTICOS, COMO QUE PROVENIENTES DE UMA NATU-
REZA ONÍRICA (EMBORA AGRESSIVA). SONS DE AVES DO PARAÍSO, DIMORFAS, GRI-
TANDO EM UNÍSSONO, NUMA EXPERIÊNCIA SENSORIAL EXTREMA. AO SOM DE MES-
SIAEN, TRÊS CORPOS DEITADOS NO CHÃO PRODUZEM MOVIMENTOS RÁPIDOS, COMO
ESPASMOS. UM OUTRO CORPO, AJOELHADO E DE COSTAS VOLTADAS, TORNA-SE PONTO
DE REFERÊNCIA. A INTENSIDADE MUSICAL AMPLIFICA-SE NO FUMO QUE HÁ EM CENA,
ACENTUANDO UM ESPAÇO DELIMITADO POR ESTRUTURAS METÁLICAS QUE SE DEIXAM
PINTAR DE UM AMARELO INTENSO. NA PARTE DE TRÁS DAS CABEÇAS, MÁSCARAS DE
CABELO, PEDAÇOS DE OUTRAS CABEÇAS, NUM HIBRIDISMO QUE ACENTUA A DUALIDA-
DE: HOMEM/ANIMAL, SUBMISSÃO/LIBERDADE, SAGRADO/PROFANO, ONÍRICO/BIZARRO.

SÁBADO 15 / 22H00

P C
CCVF / GRANDE AUDITÓRIO
A O
R L P
MARLENE MONTEIRO FREITAS
A E R
Í C I
S Ç V
O Ã A
- O D
A

PARAÍSO - COLEÇÃO PRIVADA é um universo polissêmico - um gabinete de curiosidades -, onde são descartadas quaisquer referências ao “lugar imaginário de gênese cristã”. Um paraíso como lugar inesgotável de metamorfoses, de contradições. Um espaço teatral e um concerto coreográfico. Lugar de corpos silenos, de homens com cabeças e caudas de animais. Lugar onde o demiurgo (Marlene Monteiro Freitas) manipula os “quase-faunos”, num jogo de exótico e de maravilhoso: um passeio “(...) pelo jardim da imaginação, pontuado por elementos dissonantes, heterogêneos, talvez estranhos, eventualmente inquietantes...”.

Há uma linguagem nova em *Paraíso*, plena de imaginação, mas com o rigor do movimento ritmado, excelentemente coreografado. Uma performance de grande intensidade musical e plástica, que oscila entre a música de inspiração sacra e a articulação de movimentos mecanizados, a música eletrônica e a poliformia. De monstro a dócil, para se cantar *psycho killer, qu'est-ce que c'est!* Há criaturas que nascem de pescoços com olhos e boca. O palco é um *playground* onde se praticam artes de feitiçaria, onde se revisita Bosch, Van Eyck, Bacon, e espaço para cinco bailarinos: quatro homens e uma mulher.

Para Marlene Monteiro Freitas, não é o aspeto ético-religioso que está em causa. É o seu tratamento artístico. Este paraíso é um lugar que pode ser aquilo que desejarmos. O que a nossa imaginação produz está livre de amarras e receios. Livre de preconceitos. O que se produz em palco liberta-se da esfera moral e religiosa do Juízo Final. No Jardim das Delícias em que se transforma *Paraíso - coleção privada*, há algo de monstro e indissociavelmente perturbador.*

Coreografia **Marlene Monteiro Freitas** / Intérpretes **Yair Barelli, Lorenzo de Angelis, Marlene Monteiro Freitas, Luis Guerra e Andreas Merk** / Música **Marlene Monteiro Freitas** com a cumplicidade de **Nosfell e Tiago Cerqueira** / Luz e Som **Yannick Fouassier** / Pesquisa e Imagem **João Francisco Figueira e Marlene Monteiro Freitas** / Figurinos **Marlene Monteiro Freitas** / Produção e Difusão **Andreia Carneiro (Bomba Suicida, PT), Erell Melscoet (FR)** / Coprodução **Le Spectacles Vivants**

- Centre Pompidou (Paris, FR), L'échangeur - CDC Picardie (FR), Centre Chorégraphie National de Tours, direction Thomas Lebrun (accueil studio, FR), Centre Chorégraphie National Rillieux-La-Pape, direction Yuval Pick (accueil studio, FR), Ballet National de Marseille (FR) - Centre Chorégraphique National, direction Frédéric Flamand (accueil studio, FR), CDC Uzès Danse (FR), Bomba Suicida - Associação de Promoção Cultural (PT), Festival Circular (PT), Maria Matos Teatro Municipal

(PT) / Com o apoio de **Départs** com o apoio do Programa Cultural da União Europeia, Fundação Calouste Gulbenkian (PT), ALKANTARA (PT), Atelier Re.al (PT), Centre National Danse Contemporaine Angers, direction Emmanuelle Huynh (FR) / Agradecimentos **Cédric Cherdel (FR), L'A./ Rachid Ouramdane (FR), Neusa Freitas (CV), Heloisa Monteiro (PT)** / Duração 60 min. s/ intervalo / Maiores de 3

*Texto de Paulo Pinto

P A R A D I S E - *private collection* is a polysemic universe - a bureau of curiosities -, where any references to an “imaginary place of Christian genesis” are discarded. It is a paradise as a place of unending metamorphoses and contradictions. A theatrical space and a choreographic concert. A place for *silenus** bodies and bodies of men with animal heads and tails. A place where the demiurge (Marlene Monteiro Freitas) manipulates the “quasi-fauns”, in an exotic and wonderful game: a stroll through the “(...) garden of imagination, punctuated by dissonant, heterogeneous and, eventually, strange and disturbing elements...”.

There is a new language in *Paradise*, full of imagination, with rigorous rhythmic movement, and excellently choreographed. A performance of great musical and plastic intensity, which oscillates between sacred music, the articulation of mechanized movements, electronic music, and polymorphism. From monster to a docile creature in order to sing *psycho killer, qu'est-ce c'est!* There are creatures that are born of necks with eyes and mouth. The stage is a *playground* where witchcraft is practise and where Bosch, Van Eyck, Bacon, are revisited and where there is space for five dancers: four men and a woman. For Marlene Monteiro Freitas, it is not the ethi-

cal-religious question that is at stake. It is, rather, how it is artistically addressed. This paradise is a place where we can be what we desire to be. What our imagination produces is free from boundaries and fears. Free from prejudice. The things produced on stage do not cling on to the moral and religious sphere of the Final Judgment. In the Garden of Delights transformed into *Paradise - private collection*, there is something monstrous and unsettling.

* *Silenus* from Greek Mythology: an aged woodland deity, one of the silent, who was entrusted with the education of Dionysus. A woodland spirit, usually depicted in art as old and having ears like those of a horse.